

VOL I

# POR PALAVRAS E GESTOS

## A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patrícia Vasconcelos Almeida  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2020

VOLI

# POR PALAVRAS E GESTOS

## A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patrícia Vasconcelos Almeida  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2020

2020 by Editora Artemis  
Copyright © Editora Artemis  
Copyright do Texto © 2020 Os autores  
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis  
**Edição de Arte:** Bruna Bejarano  
**Diagramação:** Helber Pagani de Souza  
**Revisão:** Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.  
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

**Editora Chefe:**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Organizador:**

Wilson Noé Garcés Aguilar

**Bibliotecário:**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Conselho Editorial:**

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College - USA  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín - Colômbia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo

Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca - Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P832 Por palavras e gestos [recurso eletrônico] : a arte da linguagem vol I /  
Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia  
Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-10-1

DOI 10.37572/EdArt\_101310720

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de  
Paula. II. Almeida, Patricia

CDD 469

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

## APRESENTAÇÃO

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1999, p.113).

A língua/linguagem, em sua essência, é constitutiva da espécie humana, uma vez que o homem - um ser de linguagem – constrói-se como sujeito por meio da relação dialética que estabelece com seus pares. Nessa relação, a palavra institui-se como ponte entre o “eu e o “outro”. Os fios discursivos, os diferentes modos de dizer e as múltiplas linguagens que se entrecruzam, se complementam e se orquestram.

Em uma sociedade cada vez mais plural e multicultural essas diferentes linguagens reverberam um modo de significar a realidade e expressam não só subjetividades, mas também identidades sociais e culturais. A presença de tecnologias variadas, mediando as interações e trazendo novas nuances para a produção, a difusão e a circulação do saber, requer um olhar cuidadoso sobre as práticas de leitura, de escrita e de oralidade, sobre os letramentos e sobre o ser humano e o conhecimento. Coloca, ainda, como imperativa a formação crítica do sujeito para atuar na contemporaneidade.

Nesse viés, o texto e o discurso, em suas diferentes abordagens epistemológicas, transcendem a primazia dada ao verbal e constituem-se como espaços de reexistência, e porque não de resistência e de batalhas? Assim, as várias vozes que se fazem presentes neste primeiro volume do livro *Por palavras e gestos: A Arte da Linguagem* brindam o leitor com pesquisas que discutem temas relevantes para os estudiosos da área que buscam a compreensão sobre intrincadas questões presentes na contemporaneidade. E, convidam o leitor ao diálogo.

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patricia Vasconcelos Almeida

## SUMÁRIO

### LETRAMENTOS E LITERATURA

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: LENDO E ESCRREVENDO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA UNIDADE INTEGRADA WOLNEY MILHOMEM – CAIC	
Ana Patrícia Sampaio Pereira Geirlane Fontineles da Silva Martins Vanessa Gonçalves Candido Rodrigues	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107201</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA NA PERIFERIA DE FORTALEZA: UM ESTUDO SOBRE MEDIAÇÃO DE LEITURAS NO PROGRAMA VIVA A PALAVRA	
Vanusa Benício Lopes Claudiana Nogueira de Alencar	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107202</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
VOZES DE OUTRO GOLPE	
Laís Vidal de Negreiros Batista José Edilson de Amorim	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107203</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
OUTRO TRAJETO DA NARRATIVA OPERÍSTICA	
Gandhia Vargas Brandão	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107204</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
IMAGEM E ESTÉTICA: A HEGEMONIA HOLLYWOODIANA E SUAS FORMAS DE RESISTÊNCIA	
Johanna Gondar Hildenbrand Francisco Ramos de Farias	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107205</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
GOTA D'ÁGUA: TESSITURAS DIALÓGICAS COM O MITO DE EURÍPEDES	
Amanda Ramalho de Freitas Brito	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107206</b>	
<b>PRODUÇÃO ESCRITA</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
ANÁLISE DE PRODUÇÕES: UM ESTUDO DA ESTILÍSTICA LÉXICA	
Diná Tereza de Brito Suellen Arcanjo de Godoy	
<b>DOI 10.37572/EdArt_1013107207</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 82**

O LUGAR DA ORALIDADE E DA ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENCAMINHAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Manoel Cândido Nogueira

Jocilene Mateus Amâncio

Maria de Fátima Araújo Silva

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107208**

**CAPÍTULO 9 ..... 92**

O JOGO CAMALEÔNICO DO ANÚNCIO PUBLICITÁRIO: IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS NA PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DO GÊNERO

Paula Silva Abreu

Mauriceia Silva de Paula Vieira

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107209**

**O DISCURSO SOB MÚLTIPLOS OLHARES**

**CAPÍTULO 10 ..... 106**

O DISCURSO NARRATIVO COMO RECURSO PARA OS SUJEITOS-ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS EXPRESSAREM SUA SUBJETIVIDADE

Josiane Aparecida de Paula Bartholomeu

Filomena Elaine Paiva Assolini

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072010**

**CAPÍTULO 11 ..... 119**

O DISCURSO DA COMUNIDADE SURDA EM REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA PARA A PRÁTICA DE ENSINO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CLASSES INCLUSIVAS

Flávia Pieretti Cardoso

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072011**

**CAPÍTULO 12 ..... 131**

INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO SURDO: ALGUNS SENTIDOS POSSÍVEIS

Lisiane Flores de Oliveira Strumiello

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072012**

**CAPÍTULO 13 ..... 139**

O DISCURSO TRANSFEMINISTA E O ABALO DAS EVIDÊNCIAS DO SEXO: REUNINDO REFLEXÕES A RESPEITO DA CISGENERIDADE

Beatriz Pagliarini Bagagli

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072013**

**CAPÍTULO 14 ..... 152**

SOBRE FALA, ESCUTA E ETIQUETA – ENCONTRO E DESENCONTROS COM MULHERES INDÍGENAS

Ivânia Maria Carneiro Vieira

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072014**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>164</b>
BIBLIOTECAS DIGITAIS, DIREITOS AUTORAIS E O COMPARTILHAMENTO DE MATERIAIS (NÃO) AUTORIZADOS NO ESPAÇO DIGITAL	
<a href="#">Natália Rodrigues Silva</a>	
<b>DOI 10.37572/EdArt_10131072015</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>177</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>178</b>



## O DISCURSO DA COMUNIDADE SURDA EM REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA PARA A PRÁTICA DE ENSINO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CLASSES INCLUSIVAS

Data de submissão: 13/05/2020

Data de aceite: 20/07/2020

### Flávia Pieretti Cardoso

Profa. Mestra em Letras-Linguagem: língua e literatura, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Graduada em Letras: Português/Espanhol (UFMS) e Especialista em Educação Especial Inclusiva (UEMS)

Certificada no Exame de Proficiência em Libras - PROLIBRAS/MEC para o Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais – Nível Superior

E-mail: flaviapieretti@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0363733140993548>

**RESUMO:** A pesquisa objetiva mostrar como os vídeos de narrativas em Língua Brasileira de Sinais - Libras, produzidos pela comunidade surda e circulados nas redes sociais, podem se tornar ferramentas importantes no ensino de conceitos como interdiscurso e gêneros discursivos nas aulas de Língua Portuguesa. Buscou-se nos estudos da Análise Dialógica do Discurso de Bakhtin (2004) o aporte teórico sobre língua como um fato social, que só existe pela necessidade humana da comunicação, por sua vez, sendo social é também ideológica. Essa abordagem se sustenta nos conceitos de enunciado como produto da atividade de linguagem, enquanto prática social e de

gêneros do discurso como feixe de enunciados relacionados a uma determinada esfera de comunicação. O material virtual produzido em Libras pode se tornar uma ferramenta para os professores de Língua Portuguesa trabalharem os conceitos de interdiscurso e gêneros discursivos em sala de aula inclusiva com alunos surdos, pois, para esse alunado é imprescindível ver em sua língua, a Libras, as teorias e conceitos que lhes são ensinados na L2, tornando assim o aprendizado real como prática social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise Dialógica do Discurso; Prática de Ensino; Interdiscurso; Gêneros Discursivos; Comunidade Surda.

**ABSTRACT:** The research aims to show how videos of narratives in Brazilian Language of Signals - Libras, produced by the deaf community and circulated in social networks, can become important tools in teaching concepts such as interdiscourse and discursive genres in Portuguese Language classes. The theoretical contribution on language as a social fact, which exists only for the human need of communication, in turn, is social as well as ideological, has been sought in the studies of Bakhtin's Discourse Analysis of Speech (2004). This approach is based on the concepts of enunciation as a

product of language activity, as a social practice, and of discourse genres as a bundle of statements related to a given sphere of communication. The virtual material produced in Libras can become a tool for teachers of Portuguese Language to work the concepts of interdiscourse and discursive genres in an inclusive classroom with deaf students, since for this pupil it is essential to see in their language, Libras, the theories and concepts taught to them in L2, thus making real learning a social practice.

**KEYWORDS:** Dialogical Analysis of Discourse; Teaching Practice; Interdiscourse; Discursive Genres; Community Deaf.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo mostrar como os vídeos de narrativas em Libras, produzidos pela comunidade surda<sup>1</sup> e circulados nas redes sociais, podem se tornar ferramentas importantes no ensino de conceitos como interdiscurso e gêneros discursivos nas aulas de Língua Portuguesa, em classes inclusivas para estudantes surdos.

A comunidade surda brasileira, que tem como sua primeira língua a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa como segunda língua, tem buscado as redes sociais para narrar suas histórias de vida, suas lutas e conquistas e, dessa forma, fazerem-se conhecidos e “ouvidos”. Vozes ainda silenciadas, mas que encontraram um meio para transmitirem seus pensamentos e conseguirem uma interação efetiva.

Com o advento das novas tecnologias, o rico material virtual pode se converter em ferramenta pedagógica para os professores de Língua Portuguesa trabalharem os gêneros discursivos em sala de aula inclusiva com alunos surdos. Pois, para esse alunado surdo, que apreende o mundo pela experiência visual, é imprescindível ver em sua língua, a Libras, as teorias e conceitos que lhes são ensinados na L2, tornando assim o aprendizado real como prática social.

O ensino de gêneros discursivos faz parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (2000) tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, evidenciando a importância desse conhecimento na formação de estudantes, leitores críticos e produtores de textos significativos. Por isso, a preocupação em sempre pensarmos em estratégias diferenciadas para o ensino de gêneros discursivos, devido a grande diversidade de alunos em cada sala de aula, incluindo os alunos surdos que tem uma singularidade linguística.

Buscou-se nos estudos da Análise Dialógica do Discurso de Bakhtin (2004) o aporte teórico-metodológico sobre língua como um fato social e ideológico, que

---

1 “[...] considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais” (Decreto Nº 5626, Cap.1, Art. 2º).

só existe pela necessidade humana da comunicação, o enunciado como produto desta prática social e os gêneros do discurso como o fator determinante dessa comunicação. Os estudos de Fiorin (2016), Marchuschi (2008) e Authier-Revuz (1990) são fundamentais para a tessitura deste artigo, pelo diálogo que mantêm com a língua em práticas de interação social e os sentidos produzidos em contextos e esferas sócio-históricas distintas, além de considerarem a heterogeneidade discursiva.

## 1 . ESTUDOS SURDOS

Os Estudos Surdos propõem um novo olhar sobre a surdez, distanciando-se da abordagem clínica e “ouvintista”, em que os indivíduos surdos são vistos a partir da perda de algo, no caso perda auditiva, buscando preencher aquilo que “falta”: a normatização.

Ao contrário da visão clínica, os Estudos Surdos tem como suporte epistemológico a perspectiva sócio-histórica e antropológica dos sujeitos, em que são levados em conta o sujeito e sua identidade, cultura, história e, portanto, sua língua.

Durante séculos os surdos foram colocados à margem da sociedade, considerados seres “sem alma” pela Instituição Religiosa e como doentes mentais pela Instituição Médica, pelo simples fato de não ouvirem e não falarem (SILVA & NEMBRI, 2008). Foram séculos até chegar-se ao reconhecimento das línguas de sinais, no caso do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais, pela Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras como sistema linguístico das comunidades surdas.

Sendo assim, é um direito linguístico<sup>2</sup> que toda criança surda seja exposta, na mais tenra idade, a um ambiente que lhe seja favorável ao acesso da língua de sinais, considerada como língua natural da comunidade surda. De acordo com Skliar (2013, p.27), “Língua natural, aqui, deve ser entendida como uma língua que foi criada e é utilizada por uma comunidade específica de usuários, que se transmite de geração em geração, e que muda tanto estrutural como funcionalmente com o passar do tempo”. Sendo assim, Skliar defende que “pôr a língua de sinais ao alcance de todos os surdos deve ser o princípio de uma política linguística, a partir da qual se pode sustentar um projeto educacional mais amplo [...] É um direito dos surdos e não uma concessão de alguns professores ou de algumas escolas” (SKLIAR 2013, p.27).

Portanto, as pesquisas de Capovilla (2002) atestam que a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental para criança surdas, deveriam ser ofertados em escolas bilíngues para surdos, em um ambiente onde todos os profissionais fossem fluentes na língua de sinais, tendo a Libras como língua de instrução como L1 dos

---

2 Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos. [http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a\\_pdf/dec\\_universal\\_direitos\\_linguisticos.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf)

surdos, e a Língua Portuguesa ensinada como segunda língua, proporcionando a troca entre os pares surdos desde a infância. Esses estudos estão de acordo com os *Subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa* (2014b), apresentados ao Ministério da Educação, mas ainda não efetivados.

De acordo com os Estudos Surdos, somente após a aquisição da Libras é que esses alunos surdos deveriam ingressar em escolas de ensino comum inclusivas para surdos, com o acompanhamento do profissional intérprete de Libras e professores regentes com conhecimento da singularidade linguística dos surdos, de acordo com o Decreto N. 5626/2005.

Dessa forma, as sugestões apresentadas neste artigo têm como propósito contribuir para a prática de ensino na disciplina de Língua Portuguesa, em salas de aulas inclusivas do Ensino Médio, para alunos surdos que já tenham adquirido sua primeira língua Libras em contextos educacionais bilíngues.

## 2. CONCEITOS E GÊNEROS DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Iniciaremos primeiramente com o conceito do objeto de estudo da linguística, a língua, que para do filósofo russo Bakhtin (2004), diferentemente de Saussure, não é abstrata, nem estável ou imutável, mas antes, a língua é um fato social, concreta e real, pois, “na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular”. Além disso, para Bakhtin (2004), a língua é ideológica, pois,

[...] sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, et. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN, 2004, p. 95).

Sendo assim, Bakhtin propõe uma ciência para além da linguística, uma *metalinguística*, em que o foco estaria no funcionamento da língua em interações dialógicas e em sua produção de sentido, e não somente no sistema estrutural de como essa língua funciona (FIORIN, 2016).

Tomamos como empréstimo os estudos de Fiorin (2016) para trazermos os pensamentos de Bakhtin e, do seu círculo, sobre a Análise Dialógica do Discurso e, portanto, os conceitos de que nos valeremos para essa pesquisa, que têm suporte no dialogismo e nos gêneros do discurso.

De acordo com Fiorin (2016), o conceito de dialogismo é o “princípio unificador da obra” de Bakhtin, que “examina-o em seus diferentes ângulos e estuda detidamente suas diferentes manifestações [...], essa noção funda não só a concepção bakhtiniana de linguagem, como é constitutiva de sua antropologia filosófica”. Portanto, “a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica” (FIORIN, 2016, p.21).

No entanto, conforme explica Fiorin (2016, p.21) esse dialogismo não se restringe a relações de interação face a face entre interlocutores, mas “todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos”. Dessa forma, nesses enunciados, “existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro; é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso que dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu” (FIORIN, 2016, p. 22).

Compreendemos assim, que todo discurso é atravessado por outros discursos, outras vozes, por isso é ideológico. Quando enunciamos algo sobre determinado objeto do mundo, este, já está “cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam”, dessa forma, “toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras” (FIORIN, 2016, p.22).

Dentro desta perspectiva dialógica do discurso, depreendemos que o “enunciado é a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado, o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros diálogos [...] o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas” (FIORIN, 2016, p. 24).

Um conceito importante, também, a ser considerado é o de heterogeneidade, que de acordo com Authier (1990, p.32): a “heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição”. Observaremos com maior clareza esse aspecto na análise proposta neste artigo.

## 2.1 OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Visto que os enunciados devem ser observados nos processos de interação, de acordo com Fiorin (2016), Bakhtin não propõe uma teoria dos gêneros do discurso, pois sua preocupação é com o processo de sua produção e como eles se constituem. Assim, na visão de Bakhtin os gêneros “são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de

atuação” (FIORIN 2016, p.68). De acordo com Fiorin (2016), podemos compreender essas três características do gênero do discurso da seguinte forma:

[...] o conteúdo temático não é o assunto específico do texto, mas é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero; [...] a construção composicional é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo; [...] o estilo diz respeito a uma seleção de meios linguísticos [...] (FIORIN, 2016, p. 69).

Sendo assim, essas três características dos gêneros do discurso revelam a composição de cada enunciado, sempre dentro de uma esfera de ação. No entanto, Bakhtin não se ateu em descrever cada umas dessas características, pois,

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade e integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo [...] extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função ao do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia-a-dia, a carta (em todas as suas diversas formas) [...] (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Observamos, na citação acima, que os gêneros se inscrevem tanto na língua escrita como na oral, abarcando os usos da linguagem em todas as modalidades, poderíamos inclusive ressaltar aqui, que veremos neste artigo, também, o gênero na modalidade de língua viso-gestual, em Libras, visto que também é uma língua, apenas de modalidade diferente. Fiorin (2016) expõe, também, a divisão que Bakhtin faz dos gêneros, em primários e secundários, em que é possível observar a predominância de uma modalidade da linguagem dependendo dessa divisão:

Os primários são os gêneros da vida cotidiana. São predominantemente, mas não exclusivamente, orais. Eles pertencem à comunicação verbal espontânea e têm relação direta com o contexto mais imediato. São, por exemplo, a piada, o bate-papo, a conversa telefônica...E também o e-mail, o bilhete, o chat [...] Já os secundários pertencem à esfera da comunicação cultural mais elaborada, a jornalística, a jurídica, a religiosa, a política, a filosófica, a pedagógica, a artística, a científica...São preponderantemente, mas não unicamente, escritos: por exemplo, o sermão, o editorial, o romance, a poesia lírica, o discurso parlamentar, a comunicação científica, o artigo científico, o ensaio filosófico, a autobiografia, as memórias [...] (BAKHTIN, 2016, p.77).

Apesar dessa divisão, os gêneros podem se misturar numa relação de dependência mútua, ou seja, os gêneros secundários se utilizam dos primários e, há casos, em que os gêneros primários sofrem influência dos secundários (FIORIN, 2016).

### 3. UMA PROPOSTA DE ENSINO DE GÊNEROS PARA SALAS DE AULA INCLUSIVAS PARA SURDOS

Quando analisamos o surgimento dos gêneros observamos que inicialmente eram um conjunto limitado, pois provinham de comunidades essencialmente orais. Com a introdução da escrita alfabética, por voltado século VII, há uma variação dos gêneros e, numa terceira fase no século XV, com a imprensa, há uma expansão e a grande ampliação acontece após a industrialização no século XVIII. Nos séculos seguintes, e em especial, no nosso século, com surgimento dos meios de comunicação e novas tecnologias, “presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação” (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Com isso, compreendemos porque Bakhtin declarou que “os gêneros são tipos *relativamente* estáveis de enunciados [...], pois ele implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança, o que quer dizer que não há nenhuma normatividade nesse conceito” (FIORIN, 2016, p. 71). Também, Marcuschi (2002, p. 25), parafraseando os estudos bakhtinianos, pontua que “os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas. Gêneros são formas verbais de ação social *relativamente* estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sócias e em domínios discursivos específicos”.

Para as pessoas com deficiência em geral, as novas tecnologias trouxeram significativas contribuições para o acesso à informação e à comunicação. Quando voltamos nossa atenção às pessoas surdas, observamos que durante muito tempo elas estiveram limitadas ao contato e interação com outras pessoas, devido aos precários meios de comunicação que disponibilizavam uma comunicação à distância que não fosse oral-auditiva, privilegiando as línguas orais.

Assim, com o advento das tecnologias, principalmente, com o surgimento das redes sociais na internet, sites como *Yotube*, ou seja, a mídia eletrônica (digital), e aplicativos de celulares *smartphones* e androides, a comunidade surda pôde, desde então, usar sua língua materna para fazer chamadas a distância por vídeos, expressar sua opinião e narrar experiências de vida pelas redes sociais. Segundo Skliar (2013, p.28): “A surdez é uma experiência visual [...] e isso significa que todos os mecanismos de processamento de informação, e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual”.

Levando-se em conta, o já exposto neste artigo, sobre a importância da Libras para as aprendizagens dos conteúdos da Língua Portuguesa, propomos aqui uma sugestão para ser trabalhada em sala de aula inclusiva para surdos, partindo de vídeos encontrados no “suporte”<sup>3</sup> internet, em um canal no *site Yotube* (que poderia

---

3 “[...]entendemos aqui como suporte de um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCHUSCHI 2008, p.174).

ser traduzido por “você transmite”) de narrativas de relatos de vida de pessoas surdas como forma de protesto aos seus direitos infringidos, de se fazerem conhecidas e respeitadas.

Mediante esses vídeos, é possível que o professor de Língua Portuguesa trabalhe os conceitos de gêneros do discurso, especificamente o gênero narrativo oral, que apesar de não estar numa língua oral-auditiva, dizemos que é oral por diferenciar-se do gênero narrativo escrito. É importante o professor esclarecer de que modo podem aparecer os gêneros de narrativa oral, de acordo com Brandão (2004, p.9)<sup>4</sup> podem vir:

a) No nível ficcional: o conto, a fábula, a lenda, o mito, narrativas de aventura, ficção científica, romance, novela, piada, adivinha; b) no nível da representação, pelo discurso de experiências de vida que se desenrolam no tempo: relatos de experiência vivida, relatos de viagem, diário, testemunho, biografia, currilum vitae, (crônica social, esportiva), notícia, reportagem.

Segue abaixo uma sugestão de etapas para a proposta de prática de ensino:

**1º Planejamento:** Professor regente de Língua Portuguesa e intérprete de Libras escolhem o vídeo em Libras e discutem sobre a explanação do conteúdo sobre gêneros discursivos e sobre a análise dialógica do discurso. O intérprete com o conhecimento sobre os Estudos Surdos faz os apontamentos pertinentes para serem expostos pelo professor durante a aula.

**2º Em aula:** O professor regente apresenta o vídeo em Libras e legendado na íntegra e em seguida dialoga com os alunos sobre as percepções que os mesmos tiveram a partir do que viram. O intérprete de Libras está ao lado do professor, realizando toda a interpretação da aula para o aluno surdo que, também, é convidado a expor suas impressões. Em seguida, o professor pode escolher alguns fragmentos da narrativa para a análise dialógica do discurso, em que é possível observar com clareza a interdiscursividade.

Apresentamos a seguir a legenda em Língua Portuguesa, de um recorte de uma narrativa em Libras<sup>5</sup>, como exemplo de como poderia ser utilizado o vídeo na disciplina de Língua Portuguesa, para o ensino dos conceitos de interdiscurso e gêneros discursivos, especificamente um exemplo de gênero narrativa “oral”, em uma sala de aula inclusiva do Ensino Médio:

[...] Meu nome é Tainá. Eu vim fazer um vídeo sobre minha vida.  
Porque muitos ouvintes querem saber se eu sofro preconceito por ser surda  
Na verdade, sim, mas...não muito.  
Muitas pessoas ouvintes me falam “você é muito bonita, pena que é surda”.  
Como assim?

4 BRANDÃO, H. H. N. Gêneros do Discurso: UNIDADE E DIVERSIDADE. Publicado em Polifonia, .8 – Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – Mestrado. UFMT. Cuiabá, MT: Editora UFMT, 2004. <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1127/891>. Acesso em: 4 de julho de 2017.

5 Vídeo encontrado no Youtube: [https://www.youtube.com/watch?v=nWPI4H\\_fiTw](https://www.youtube.com/watch?v=nWPI4H_fiTw), publicado em outubro de 2016, canal de Andrei Borges. Acesso em: 28 de junho de 2017.



“Nossa! Você não parece surda”.  
Por que não pareço? “Porque você sabe escrever, ler, fazer tudo”.  
Claro! Os surdos sabem como os ouvintes.  
Como mostrar que eu “pareço” surda? Não tem como! Uma cara de surdo?  
“Será que você pode dirigir, fazer faculdade? Fazer tudo o que você quer, pode?”  
Sim! Posso fazer tudo o que eu quiser.  
Porque os surdos são humanos como os ouvintes.  
Qual a diferença? A única diferença é não ouvir.  
[...]  
Amo ser assim! Por que sentir vergonha?  
Eu não tenho culpa de ser surda.  
Eu não escolhi ser surda.  
Foi Deus! Estou feliz de ser surda [...]

Sugestão de perguntas aos alunos: Essa comunicação é feita de modo informal, para amigos, ou para um grande público? É uma comunicação escrita ou oral? Está sendo transmitida em que meio de comunicação? Conseguem identificar de que gênero se trata?

Após obter as respostas o professor poderá escolher alguns fragmentos do vídeo para fazer a análise dialógica do discurso. A seguir demonstramos alguns exemplos:

Eu vim fazer um vídeo sobre minha vida.  
Porque muitos ouvintes querem saber se eu sofro preconceito por ser surda  
Na verdade, sim, mas...não muito

Depois de se apresentar, Tainá, que é uma adolescente surda, explica o motivo de gravar o vídeo sobre sua vida, ela se sente no dever de dar uma “resposta” aos “ouvintes”, marcando a oposição “surdos” x “ouvintes”, e trazendo à tona o discurso do poder (FOUCAULT, 1970), que ainda perdura até hoje, de que os surdos, como minoria linguística, devem ainda explicação aos “ouvintes” que se consideram normais pela audição e situam os surdos como “deficientes” pela perda auditiva; esse fato produz uma inferiorização desse grupo e, por isso, ainda sofrem muito preconceito e exclusão social.

Nesse fragmento, é possível ver a interdiscursividade/dialogicidade, pois, esse discurso já vem sendo dito há muito tempo, por muitas outras “vozes” e ainda silenciado, pois pouco se fez para acabar de fato com o preconceito que atinge as pessoas com alguma deficiência; muitos discursos perdidos no tempo e na história, mas sempre há uma “voz” que retoma esses ditos, os “já lá” (AUTHIER-REVUZ, 1990). E então, retomamos o aspecto ideológico da linguagem, do discurso, de Bakhtin: *“A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”* (BAKHTIN, 2004, p. 95).

Assim, Tainá, primeiro diz que: “sim” sofreu preconceito, mas parece ter a necessidade de dizer que “não é tanto que sofre” (pela expressão facial), pois logo há uma negativa. Em seguida, observamos que Tainá sofreu “sim”, pois relata:

Muitas pessoas ouvintes me falam “você é muito bonita, pena que é surda”.  
Como assim?  
“Nossa! Você não parece surda”.  
Por que não pareço? “Porque você sabe escrever, ler, fazer tudo”. Claro! Os surdos sabem como os ouvintes.  
Como mostrar que eu “pareço” surda? Não tem como! Uma cara de surdo?  
“Será que você pode dirigir, fazer faculdade? Fazer tudo o que você quer, pode?”  
Sim! Posso fazer tudo o que eu quiser.  
Porque os surdos são humanos como os ouvintes.  
Qual a diferença? A única diferença é não ouvir.

Nesse fragmento é possível observar o discurso ideológico sobre os “deficientes”, ou seja, as representações que a sociedade em geral ainda faz da pessoa com deficiência. No discurso de Tainá, observamos o “discurso objetivado”(FIORIN, 2016, p.37), ou seja, aquele em que é possível perceber nitidamente o discurso do outro, marcada em Libras, pela expressão facial e corporal, e que na legenda está entre aspas, mostrando a voz do outro, o ouvinte, que sente “pena” e diz que ela “não parece surda”, inferiorizando, rebaixando, principalmente, por ela ser uma mulher surda. Esse discurso parece partir de algum homem que, na tentativa de conquistar, traz a marca do preconceito e machismo mesmo tempo. Vale relatar aqui que há pesquisas em âmbito internacional que revelam que cerca de 40% de mulheres com deficiência já sofreram algum tipo de violência<sup>6</sup>, e mulheres surdas, pela questão da comunicação linguística e baixa autoestima, se tornam ainda mais vulneráveis à violência de gênero.

O discurso do outro: “você sabe ler e escrever?”, “você pode dirigir, fazer faculdade?” mais uma vez traz a ideologia que a sociedade tem de pessoas com deficiência, ou seja, pessoas sem instrução, analfabetas, sem cultura, à margem mesmo da sociedade. E quando se vê uma adolescente surda na escola, bem articulada e “bonita”, não podem acreditar que de fato tenha alguma deficiência.

Quando Tainá responde que os surdos podem fazer tudo o que quiserem, porque são *humanos* como os ouvintes, ela retoma aqui o discurso da história dos Surdos, conforme exposto resumidamente no início deste artigo, que de fato eram considerados seres sem alma, por não ouvirem e por não falarem. Ainda há a necessidade de se afirmar como humana, pelo preconceito, pelo menosprezo sofrido; o sujeito surdo na sociedade ainda se sente excluído, sua língua não é aceita como tal, embora o reconhecimento da Libras no Brasil tenha vindo em 2002, pela Lei N. 10.436. O discurso da inclusão escolar para a comunidade surda tem soado como exclusão, pois, conforme o início do artigo revelou, os surdos necessitam estar com seus pares em contextos educacionais bilíngues para se desenvolverem globalmente e terem as mesmas oportunidades que os ouvintes.

---

6 I.SOCIAL, Soluções em Inclusão Social. Disponível em: <http://blog.isocial.com.br/40-das-mulheres-com-deficiencia-ja-sofreram-violencia-domestica/>. Acesso em: 11 de outubro de 2016.

Mas, esse discurso de “verdade”, homogêneo, propagado pela Educação Especial Inclusiva, tem gerado retrocessos na Educação dos Surdos no Brasil, como o fechamento de escolas de surdos como ocorreu na cidade de Campo Grande- MS, em que recentemente se fechou a única Escola de Surdos (CEADA) que completava 30 anos de existência. Assim, há uma luta ainda das minorias, pois os enunciados de verdade, as ideologias são fortemente marcados por discursos de quem tem o poder da “verdade” e, assim, o controle (FOULCAULT,2002; BAKHITIN, 2004). Para finalizar, observemos o fragmento:

Amo ser assim! Por que sentir vergonha?  
Eu não tenho culpa de ser surda.  
Eu não escolhi ser surda.  
Foi Deus! Estou feliz de ser surda [...]

Tainá sente a necessidade de afirmar que ama ser *assim* (surda) e faz uma interrogação retórica, a si mesma e aos demais surdos. Mas, também, percebemos novamente o sentimento que ela tem de inferioridade, tentando se justificar, como se tivesse cometido algum pecado, por dizer que não tem culpa de ser surda e que não escolheu ser surda. Tainá recorre, assim, ao discurso religioso e, finaliza dizendo que foi Deus quem a escolheu para ser surda e isso, possivelmente, foi o que ela aprendeu no grupo religioso do qual faz parte, ou de sua própria família, quando indagou, talvez em revolta, por que era surda. Talvez, esse tenha sido o discurso que ouviu de sua mãe, de seu pai ao consolá-la dizendo: “Deus a escolheu, você é especial, sinta-se feliz”.

Aqui temos um exemplo do discurso “bivocal, internamente dialogizado”(FIORIN 2016, p. 37) onde não há marcas do discurso alheio, pois não se percebe na expressão facial e corporal de Tainá, esse discurso-outro, pois, está internalizado, constituído.

O vídeo completo permitiria inúmeras outras considerações e possibilidades de análises discursivas, mostrando ser uma ferramenta rica para o trabalho em sala de aula inclusiva, favorecendo o aprendizado de todos os alunos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esta pesquisa, foi realizada uma busca em sites e redes sociais com o intuito de encontrarmos vídeos compartilhados pela comunidade surda. Constatamos uma riqueza de material virtual em Libras, inclusive de gênero narrativo oral ficcional, por meio de piadas, contos, fábulas, revelando aspectos da cultura e identidade da comunidade surda, o que, também, permitiria trabalhos interessantes a partir dos mesmos.

Compreendemos a importância de trazer questões reais para serem discutidas com os alunos, pois talvez seja a única oportunidade que esse alunado tenha de conhecer gêneros variados e com temáticas de cunho social.

Outros aspectos linguísticos e discursivos podem ser trabalhados a partir de vídeos como o demonstrado neste artigo. Aproveitamos para deixar uma sugestão após esse trabalho: o professor poderá solicitar aos alunos a produção de um vídeo no gênero narrativa oral, relato de vida, para ser apresentado em sala e realizar a proposta apresentada neste estudo. Mais uma vez o aluno surdo será beneficiado, pois, poderá realizar um vídeo em Libras, favorecendo sua produção textual/discursiva em sua primeira língua.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)**. (Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi). Cad. Est.Ling., Campinas (19): 25-42, jul/dez,1990.

CAPOVILLA, Fernando C.(Org.). **Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar**. Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, 2002. In: [http://www.ip.usp.br/lance/pdfs\\_para\\_download/Capitulos\\_de\\_livros/Neuropsicologia\\_e\\_aprendizagem/Neuropsicologia\\_e\\_aprendizagem.pdf](http://www.ip.usp.br/lance/pdfs_para_download/Capitulos_de_livros/Neuropsicologia_e_aprendizagem/Neuropsicologia_e_aprendizagem.pdf). Acesso em: 29/07/2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. (Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira). São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ed. Ática, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 12ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEC/SECADI. *Portaria nº 1.060, de 30 de Outubro de 2013*. Institui o Grupo de Trabalho com o objetivo de elaborar **Subsídios para a Política Nacional de Educação Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**, com orientações para formação inicial e continuada de professores para o ensino da Libras e da Língua Portuguesa como segunda língua.

SILVA, A.C. & NEMBRI, A. G. **Ouvindo o Silêncio** – Surdez, linguagem e educação. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2013.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Mauriceia Silva de Paula Vieira** - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós-graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

**Patricia Vasconcelos Almeida** - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós-graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

A cartomante 39, 46, 47, 48

Análise de Discurso 105, 106, 107, 118, 131, 138, 143, 148, 164, 175

Anúncio 8, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Aspectos Estilísticos 70, 79

### B

Bibliotecas Comunitárias 13, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23

Bibliotecas digitais 9, 164, 165, 166, 167, 171, 172, 173, 174, 176

### C

Cinema 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61

Círculo de leitura 18, 19

Comunidade Surda 8, 119, 120, 121, 125, 128, 129, 137

### D

Dialógico 60, 65

Direito de Expressão 152, 159

Ditadura militar 21, 24, 25, 26, 28, 30, 34, 35, 38, 62

Drama moderno 60, 61, 64, 65, 68, 69

### E

Escrita 6, 7, 8, 1, 3, 4, 5, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 37, 41, 43, 45, 54, 62, 66, 70, 73, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 98, 106, 107, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 124, 125, 127, 167, 175

Escrita e oralidade 82, 83

Estética 7, 37, 38, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 80, 130

Etiqueta 8, 152, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

### F

Feminismo 139, 141, 142, 143, 148, 150

### G

Gênero 8, 41, 42, 57, 64, 81, 91, 92, 96, 97, 99, 101, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 151

### I

Implicações pedagógicas 82, 83, 85

Inclusão escolar 8, 128, 131

## L

Leitura e escrita 1, 3, 5, 9, 14, 15, 22, 76, 106

Libras 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 136, 137

Língua Portuguesa 8, 9, 40, 71, 72, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 91, 117, 119, 120, 122, 125, 126, 130, 177

Lúdico 5, 6, 12, 110, 111, 117, 147

## M

Memória 20, 24, 26, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 49, 51, 80, 106, 109, 114, 115, 116, 118, 141, 144, 147, 149, 158, 166, 175

Mulheres Indígenas 8, 152, 153, 154, 159, 160, 161, 162, 163

Multimodalidade 92, 93, 94, 96, 97, 100, 104, 105

## N

Narração 24, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 55, 56

Narrativa musical 39, 40, 45

## O

Opera 39, 40, 156

## P

Prática de Ensino 8, 119, 122, 126

Práticas de leitura 6, 5, 13, 14, 15, 18, 19, 22

Produção Textual 70, 71, 72, 73, 76, 78, 90, 91, 130

Psicanálise 106, 107, 111, 117, 132

Publicidade 52, 55, 92

## R

Resistência 6, 7, 13, 21, 22, 28, 49, 51, 53, 54, 56, 58, 135, 139, 140, 144, 147, 148, 149

## S

Subjetividade 8, 24, 33, 37, 49, 51, 67, 106, 107, 110, 115, 117, 139, 149, 155, 156

Surdo 8, 120, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

## T

Tragédia 36, 41, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 77

Transexualidade 139, 145, 146



**EDITORIA  
ARTEMIS  
2020**